

14versos

500 Sonetos



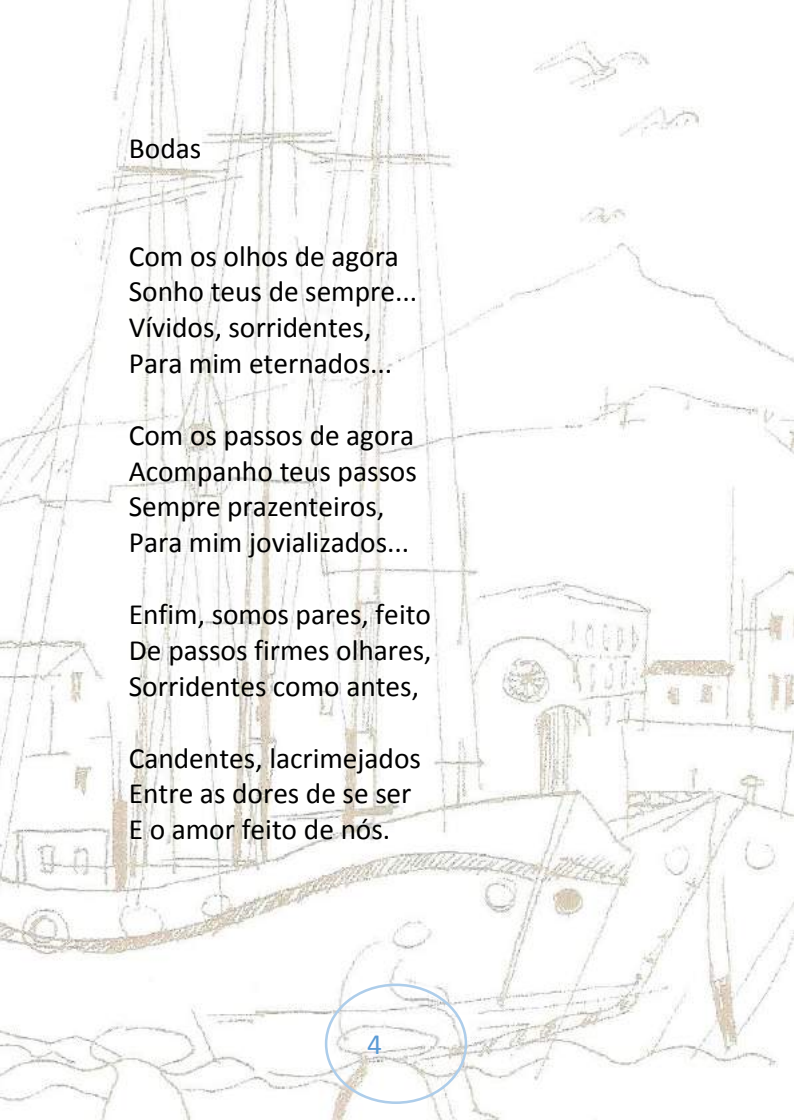
Explicativa

O verso é minha explicação
Para o que acontece ou não.
A caneta é minha vitória,
Onde posso desenhar a hora.

O passo do dia é acontecimento
Embora a TV me mostre relento.
A paz íntima é minha herança
Entre a saudade e a esperança.

Há um longo espaço disponível
Entre o que sonho e o crível,
Desde os tempos de criança...

Assim posso moldar meu dia,
De alegrias... Só de alegria,
Que a alegria nunca cansa.



Bodas

Com os olhos de agora
Sonho teus de sempre...
Vívidos, sorridentes,
Para mim eternados...

Com os passos de agora
Acompanho teus passos
Sempre prazenteiros,
Para mim jovializados...

Enfim, somos pares, feito
De passos firmes olhares,
Sorridentes como antes,

Candentes, lacrimejados
Entre as dores de se ser
E o amor feito de nós.

PAI

Eu estava aqui enquanto partias,
Ainda estarei aqui quando fores.
Vi tua calma quando morrias, e
Vai-me morrendo pouco a pouco...

Um pouco a memória te desfaria
Como desfizeram de ti os ossos,
Mas estou aqui lembrando disso,
Provando a mim que não posso.

Mesmo que não me tenhas alento
Ainda te escuto quando me ligo
À hora dormida do pensamento:

Tanto memorar cada momento,
A perguntar por mim se te olvido,
A fazer chorar quando te lembro

Mãe

A tua ausência presencia
O que falta de vida por viver...
Como as raízes hereditárias
Da planta mãe o solo acolheu.

Que posso querer da tua terra
Que me fez firmar sobre a minha
Os pés segurando um corpo frágil
E a alegria que possa prever?

Que era em tempos imemoriais
Mesmo não sendo a mão eterna
Mas infinitamente deixada ser...

Conquanto breves, teremos aqui
A paz de teu sermão, a benção
No sempre que nos leve sua mão.

A palo seco

Mais bandolim na tenda velha,
O som da espera corre os ares,
Canta a ciranda o velho Guerra,
Sem saber a briga de palmares.

Chora uma cantiga muito antiga
Que choravam negros açoitados,
Para esquecer da obriga vida e
Relembrar o canto de seus lares...

A palo seco a fala do velho poeta
Inventava versos num choro mole
Que fazia chorar os velhos foles.

É que a vida, ruim, já melhorara
Daquelas vidas na peia das araras
Do pau de alecrim fez-se surrada.

Remoinhos

O remoinho brincava
Com os jornais velhos
Girando saias meninas
E a poeira fosse leve.

O remoinho brincava,
Amadureceu sua estafa
Ficou colérico, enfeitiçado
Pelos impactos adultos

Leva carros, placas, casas,
E as saias que as meninas
Não carecem por desuso.

Agora o remoer fala sério,
Gira infâncias denotadas
Dessas meninas de luto.

Corrimentos

O tempo escorre pelos vãos do teto
Com muito esforço ora conseguido,
E deixa em rugas, dores, cicatrizes,
Neste senhor que não se dá por ido.

Mesmo que fale assim tão antigo
É a resposta ao que o mesmo diga,
Todas as vezes que cruza consigo
E se olha vesgo procurando abrigo.

Por essas dores expondo motivos
O tempo escorre pelo que não dizes,
No sofrimento que não foi sentido.

Entre o agora e o menino antigo
Confrontam-se o velho e o vivido
Mesmo que nada se tenha dito.

Lipoesculturais

A desumanidade, guardada
Em aldeído fórmico, aqueles
Vidros de castas segregadas,
Expõe-se à luxação do tempo.

Dessas secretórias intenções
Entre as burcas e as nudistas,
As parcerias, os detectores
De intenções, e o que mais...

Essas crianças verão vícios
E suplícios da velha geração?
Neste horripilante museu

A desumanidade cálida guarda,
Na face nauseante, as feições
Repuxadas das novas cortesãs.

Agredidos

Ah, se os olhos pudessem
Ser decifrados no que viram
E do que escondem ter visto
Chorar assim compulsivos...

Ah, se esses olhos contassem
Por que choram tão manso...
Por que arde a intensa dor
De serem doloridos mansos...

Os que batem não percebem
Que o sangrar não é tanto
Quanto à angústia interior

Desses olhares mansos...
Por que se inclinam à dor
De terem de ser mansos...

Salinas

Aguadas descem as faces
Dos morros e se perdem
Nas lonjuras dos mares,
Esquecidas das fontes,

Por isso a visão do mar
Dá essa tristura no olhar,
Perdido desses deuses
Navegadores insanos...

Faz-se sal desses rios
Recebem seres homens
Navegados no vazio...

Rios podem ser remotas
Lágrimas de um deus,
Que por fim se perdeu...

Carniça

Cruzes sobre ombros fracos
Carregam os meninos cristos,
Que homens tornaram mártir
De comunitários improvisos...

Essas carcaças vencidas
Por tempos desconstruídos,
Braços magros mentes frágeis,
Ao juízo dos senhores juízes...

Aqui se plantaram casas
Com lares esmiuçados entre
Bons meninos e bandidos,

Banidos no mesmo trato.
Arranhados no mesmo grito
Do mesmo mal possuídos.

Diário

Tudo que querias para hoje,
Está pronto. Pode fechar o diário,
Pousar a pena, deitar o braço...
Esse foro vário, de ações triviais,

Termina num domingo de tédio,
Diferente da segunda ou quinta,
Igualzinho o outro domingo...
De descanso e desalinho.

De extraordinário só a festa
Da quermesse de meninos jururu,
Alegrados por uma bola inflada.

Tudo que querias para o diário,
Está pronto. Pode fechar o dia
Do teu superado descanso.

Acúmen

O tempo é muito breve
Para tudo que aconteça,
Será preciso haja noite
Pra que amanheça...

Já me vi sonhado quando
Sonhei futuros planos,
Na grande bolsa do tempo
De ufanos e desenganos...

O mar por dentro é calmo
Como obscuro é o tempo
Do espaçoso desalento.

Para que isso amanheça
Será preciso a astúcia
Antes que anoiteça.

Cravelha

Não sei cantar, pois
Cantaria o próprio ar,
Voaria o cântico solo,
Se soubesse voejar

Ouço voz, seria minha
Na sombra me adivinha
Mas não estou lá, de cá
Estou voejando as falas

Que vão tentei solfejar
Nestas claves desligadas
De seu tom peculiar...

As aves desse repouso
Impendem o seu voar
De seu canto e pouso...

Viração

Escondi meus brinquedos,
Meu trator, meu cavalo,
Minha peteca de pena, um
Emaranhado de saudades...

O tempo túnel extenso
Fechou-se nos escuros e
Não me deu a aventura
De trazê-los para aqui.

Perdi minhas vontades
De brincar de tropeiro,
De varreduras aragens,

Numa fresta de luz clara
Desse tempo abaçanado
Nesse escuro do túnel.

Somos eu e você

Temos um pouco
A saudade das coisas...
Mesmo as inúteis,
As passadas a limpo.

Sou eu, você, tantos
No quadro na parede,
Nas cortinas rasgadas,
No estrago da pintura...

Somos eu e você, nós
Na lua desvencilhada,
Nas tardes de chuva,

Nas noites de arrego...
Somos as mãos pegas
Pelo amanhecer...

Incrementes

O frio que sinto
Nesses dias frios,
Maior que o real,
De doer em mim

Vagabundeando
Esses gatos vadios
Somos nós, tremendo
Mãos gélidas, doídas,

E a desassossegada
Paz de viver esse frio
Sentido no calafrio.

Nos dias de frio assim
Continuo abespinhado
Como gato vadio.

Meu diário

Quando vivi a primeira primavera?
A prima aula? A primeira ida ao mar?
A primeira vez do eu que nunca existiu
Mas está nas lembranças dum diário...

Os acontecidos esqueceram de mim;
A pedra com que quebrei vidraças,
As portas dos banheiros, escritas
As faces das meninas menineiras,

As maneiras de ir adiante, o instante
É uma vida inteira no chão do sótão e
Na porta aberta da casa invadida.

No momento recente se enrosca
Nos arames arranhão verdadeiro...
Nas farpas das macieiras...

Polutos

Num dia assim azarado
Até mingau empelota..
O dia dito impaludado
Pode ser impelido fora.

Olho de longe o caracol,
Lento, bizarro, encovado,
Imagino o cara sisudo
Que construiu seu telhado...

Sem querer estragar o que
Esse postal me descreve,
Lembro o barro da neve...

Do morcego ao urubu
Todas as asas são livres,
É o que estou esperando.

Admiradores fantasmas

O teto tem recados grudados,
São os ousados e seus chicletes
Ofertando namoros e afagos
Às menininhas da classe.

Elas não querem náufragos,
Querem homens, sem chicletes
Como destempero herdado
Da timidez que esconde

Caras que grudam mensagens,
Obscenas às vezes, nesse teto
De escola pública, sem laje,

Podem bem ter melhor uso,
Pois que aderem salivamento
Ao sentimento confuso...

Depressão

Sem a grade geral de ambição,
Que desvelou-se em crise,
Choro da paixão desmedida
Que ontem passou dos limites.

Hoje, que o teto está baixo
É preciso compreensão
Que o dia termine e a faixa
Passe de mão a compaixão

O teto da casa está baixo,
Resvalando nas testas forçadas.
Dá pra Pintar as ranhuras...

Não que não tenha otimismo,
Mas o realismo em questão
Respeita considerações.

Retorno

Estou vendo a poeira,
O mato do quintal e a luz
No poste, amarelecida
Com o tempo de espera,

Estou vendo uma família
Perguntando por mim,
Num tempo em que vivi
Etapas de partir e voltar.

Estou vendo minha rua,
A pessoa de calças curtas,
Suspensórios e sonhos,

Este é o meu retorno,
Chorando... Talvez rindo
Voltando ao lugar de mim.

Dia de visita

Feito da alegria da espera
Ou da espera das alegrias,
Na ordem às vezes invertida...
Obedece ao que manda a vida.

A vinda, devidamente regida
Por um contrato de visitas,
Ela e sua mochila de coisas,
Despercebida da cruel medida,

Por um contrato de divisas...
Sem entender as rupturas,
Obedece ao que manda a vida.

Enfim, obedecemos todos,
A mesma regra que assusta
Nessa ordem invertida.

No fundo da gaveta

Encontro uns anéis
Perdidos num tempo
Que foi real, brilhos
Que enferrujaram,

Eram importantes
E desempoaram...
Para outra vez se
Desimportar de ser

No fundo da gaveta
Os acontecidos rasos
Da vida barata...

Que perdeu o brilho
E que não tem mais
Nada a desempoar.

Soluções monásticas

Escuta o riso que vem
Dos monges, menino,
Que eles sabem o que
O riso tem de ladino.

Dão graça aos repolhos,
Às folhas do espinafre,
Aos tomates rasteiros
E mais que os sisudos,

Eu, que não rio deles
Nem choro desatinos
Sei que riem Paulatino.

Copia os monges e verá
Poder plantar-se risos
De tomates e pepinos.

A verdade crua

Cada dia fecha sua porta.
O dia hoje não tem retorno,
O dia ontem está fechado,

É instantâneo o frescor das
Coisas, depois elas murcham
Como as ações premeditadas
E deixadas para amanhã.

Amanhã como naquele dia...
Não se lembra das promessas.
O ontem não se atrela à busca.

Assim, viajamos todos os dias
E nos despedimos de cada um,
Melancolicamente.

O avesso

O que passa existir
Tem seu preço vil,
Da agulha ao desejo
Torcido do avesso.

Tudo tem seu preço,
Como a virgindade.
Mesmo a amizade
Ou até a inimizade.

Num desejo de sexo,
De relacionamento,
De necessidades...

Virado do avesso,
A colher é côncava
E o garfo espesso.

Desconsolos

Não é possível viver
Uma amizade cega,
Se disser meia verdade
Ela torna meia mentira.

Por essa tanta procura
Uma experiência rara,
O encontro da amizade,
Mesmo esgarçada...

Cansado de esperar,
O encontro às oito horas,
As dez vou embora.

Desconsolado, não tanto
Com a demora, a ilusão
Do combinado.

Anjos

O riso às minhas costas
Ri de mim, de algo que
Fiz ou desfiz quando
Disse-os manuseados.

Ao os ver ferinos, feri-os.
Quando felizes, os fiz.
Agora nem os quero ver,
Nem sentir suas dores

Riem às minhas costas
Esses olhares casuais,
Como anjos nos altares,

Riem de nossos passados.
Tão reais quanto o sorriso
Desses anjos desenhados...

Baldado

Quando o real não vale a pena
O que mais vale a pena penar?
Poderia, mas não acontecido,
É apenas o querer sem a força

Desfeito do fazer improfícuo.
O que planejou cessa alhures
Desistiu-se na cama que forjou
Verdade e cambaleou bebido

O que nem planejou se perde,
Cansativo no próprio não fazer
Sufoca o plano envilecido.

Quando o real não vale a pena
E deixou-se levar por balões
Suspensos entre o pen e o sar.

Trôpego

A passo trôpego procuro ainda
O mesmo fio, deixado para trás
Quando vivi momentos de sorrir,
Mesmo no escuro de mim...

A passo lerdo procuro o perdido
No tempo inutilmente tentando
Correr dinheiros ou manias
Ganhar de viver cada querer...

Quem sabe agora, tempo penso,
Possa compreender esse espelho,
Meus pelos brancos, a tez doída,

Que a vida esqueceu-me aqui,
Entre nós e a lida no dia a dia
Desvendando falhas doridas.

Contumaz

O túmulo é o ser humano
Rebaixar-se à casta de lixo
Na lixeira de restos a saciar
Sua ínfima fome biológica,

Depois, deitará seu corpo
E dormirá o sono dos que
Entregaram-se de sorrir
Ou não, nos seus vazios...

Voado das outras fomes...
A última cova degrada-se
À condição de vazio.

O túmulo de um homem
Calça rota, seu olhar vazio,
Seu pouco ou nenhum brio.

As flores novas

Florescem livres, florescem puras,
Florescem escusos florescimentos
Até que pendam, e se levantem e
Voltem a cair sobre si mesmos,

Como os adolescentes, exibem-se
Em cores e colares exuberantes,
Com pouco caule, fracas raízes
Sem resistência aos ventos...

Como as flores os adolescentes
Florescem escusos florescimentos
Até que pendam, e se levantem e

Por tantas vezes caem até que
Se enruguem dos sofrimentos,
Aí, farão parte da paisagem...

À primeira hora

A primeira hora da manhã...
Em algum lugar será sempre
A primeira hora da manhã.
Eu quero morar nesta hora,

Não quero sair dessa hora,
Não quero amanhecer, que
Meio dormido me entendo
Melhor que quando caminho

Para os meios do dia, porque
Desabo nas contradições
De querer ter mais que ser.

A primeira hora da manhã
É meu melhor momento,
Inocente das perdições aqui.

Nesta pequena sala

De costas para a janela,
Fito os livros emparedados
Que me têm por companhia.
Escrevo... Escrevo... Escrevo...

Nesta pequena sala fecho-me,
Enganando a própria utopia.
A prosopopeia me toma
Nuns braços, abraços ternos.

Nus de e ideias de aragens
E paragens estranhas ao meio,
Comuns à forma de anseio

Consigo conciliar a realidade
À irreal utopia milenar
De velejar as vidas.

A verdade crua

Cada dia fecha sua porta.
O dia hoje não tem retorno,
O dia ontem está fechado,
O amanhã feérico quem sabe

É instantâneo o frescor das
Coisas, depois elas murcham
Como as ações premeditadas
E deixadas para amanhã.

Amanhã como naquele dia...
Não se lembra das promessas.
O ontem não se atrela à busca.

Assim, viajamos todos os dias
E nos despedimos de cada um,
Melancolicamente.

A essência da poesia

Se vir o menino chutando lata
Sei que ele precisa de uma bola.
Se vir homem comendo a lata,
Sei que ele tem muitas fomes...

Mas haverá motivo pra poesia.
Sei que ela tem tantas fomes...
Porque se não houver fomes
Por tudo que haja no mundo

Se a terra é fogo internamente
Do que será feito meu íntimo?
Do menino e sua bola, da lata?

Do homem e suas fomes natas?
Na essência desses seres é que
Cito a essência da poesia.

Metas

A grande raiva cansa o pensar.
Caído o dia de perna sôfrega,
Derramamos o caldo lúgubre,
Descubro luz no fim do túnel,

Rasgado, esfomeado, lento...
Mas a pressa não terá sentido
Sem a bússola do discernimento.
Lições de vida? Eu parti cedo,

Cedo à saudade que me faz
Procurar os momentos lúdicos...
Deixados em lugar nenhum,

Descubro que a vida é o túnel,
O dia é a pressa por findar...
A luz! Há luz em algum lugar.

Efemérides

Quando enumero as condições
Da chegada, tudo se dispersa...
Amigo, data, um porta-copo,
O grampeador com sinais de luta,

Surgem, não sei donde quando...
Nem mesmo a cicatriz na mão,
O espinho infeccionado na unha,
A foto de alguma antiga paixão...

O café... De um extinto pilão.
As coisas parecem parâmetros
A medir minha estreita efusão.

Assim como o dia em que nasci,
Plena madrugada de quarta-feira,
Se não estivesse, qual feira seria?

Lascívia

Agora que todos dormem
A solidão dos incertos
Vejo a fome abocanhando
As frases desses excertos.

Aqui a força é mais lúcida,
Vale mais que a força bruta
A palavra desfechada
Entre os olhos e o cerebelo.

A solidão que todos dormem
Plácida acomodação de egos
É-me deixado pensar livre:

Talvez fosse revivida a força
Da adaga dita em frase mocha
Vertida nos jeitos lascivos.

Indiferentemente

Um sol na manhã de domingo
E fazendo de conta que tudo bem,
Mas faltava rezar um terço ainda,
E o apito avisado do último trem.

O apetite, mais que a panela,
Cheia dos ventos das delicadezas,
O que põe à mesa na hora fome
Tem de ser a certeza que se come.

Então a vida se pronunciava benta
Balbuciando palavras incertas
O que seria a tarde aspereza...

Talvez a festa, a solicitude,
Talvez sessão de bola amiúde,
Ou a fome perguntando delas.

Motiva mentos

O inconcebível momento deste dia
Puxa as pernas da alegria ingênua
E as faz bobas de rir motivos...
Apenas o princípio ativo de sorrir.

Agora o amor se espane em farpas
Entre pequenos eleitos e velhos,
Assumidamente bons ouvintes...
Mesmo não entendidos sábios.

Riem, sem saber de que, riem,
Das pequenas máscaras de alegria
Às velhas ruínas da percepção.

Riem de que, afinal? Se a razão
Do riso é mais por medo de calar
E não serem reconhecidos vivos.

Quadrilhas

Que lições dão de vida
Essas coisas vívidas...
Vi, quando murchavam
Ao vento rasgo da brisa.

Agora estou cansado,
Tropo e roto de vez,
Vejo a flor revivida
Nesta lição de viver.

Talvez diferencia dizer
Que amo ou que odeio.
A quem dirigir o termo?

As coisas voltam ávidas
Enquanto curtimos dores
De antigas mágoas.

Corredores

Velhas casas de família
Têm extensos corredores,
Onde surgem novos olhos
E despedem-se os velhos...

Agora mesmo parte um
Acenando adeus aos meus
Olhos lacrimados pelo
Velho companheiro...

Enquanto pula e vibra
O novo pimpolho, aceso
Na ponta do corredor,

A roda da vida roda,
Espera a reza ao sepulto
Acorda o nascituro.

Quando você é gente

Alguns te reverenciam,
Ou atropelam nas faixas.
Alguns te idolatram,
Ou te mandam à merda...

Nada disso é definitivo,
Você pode ser pedestre
E depois ser motorizado.
Pode ser carona em moto,

Ou condutor em ônibus.
Sentiu a diferença, amigo?
Quando você é gente,

Não tem gaiola, tem rua
Que te ameaça e não deixa
Voar pensamentos...

Suores mansos

Apanhei da chuva, do sol,
Que, fustigam mágoas...
Das fossas e dos fósseis
Carbonizados de passados...

Castigam errantes salmos,
Pelos vãos das fraldas.
O que fazer desta tarde
Que vai virando água?

Meu travesseiro molhado
Expõe o dia mal temperado,
Passado a limpo o passado,

Nesse passo desmesurado
Quando verei a calma
De meu mal estado?

Festejos de agosto

Uns tantos ares mal respirados
Soam batuques de passados...
Queimadas e chaminés ardem
Os olhos, as narinas, a alma...

A festa recomeça, soltam fogos,
Cães ladram, embevecidos
Bêbedos saúdam estrondoso
Tiro, mesmo que falidos.

À criadora da obra deslumbrada:
Arcar com a fuligem irrespirável
Desse agosto proibitivo?

Entre a fogueira e o sol rascante
Prefiro o silêncio doutro instante
Longe dos cães enlouquecidos.

Motivos inesperados

Hoje tomei consciência do
Profundamente normal e
Decisivamente inesperado:
-Eu! Nascido para morrer?

Decisivamente inesperado,
Como a mãe avó Neusa,
Que, ocupada em se ocupar,
Viu-se paralisada, presa,

Desacostumada de deitar,
Descansou pernas tronchas
De peregrinar às ribanças.

Hoje tomei consciência,
Profundamente normal:
-Nascemos para morrer.